



## Contribuições de Carl Jung para a educação cristã no processo de individualização<sup>1</sup>

*Carl Jung's contributions to Christian education in the process of individuation*

**Rosane Göerg Oriques<sup>2</sup>**

**Odilon Duffeck<sup>3</sup>**

**Resumo:** Este artigo investiga as contribuições de Carl Jung para a educação cristã no processo de individualização, considerando-o como o desenvolvimento integral do ser humano. A educação cristã deve ir além da simples transmissão doutrinária; ela precisa promover aspectos emocionais, espirituais e cognitivos. A pesquisa busca compreender como a educação cristã pode contribuir para esse processo, auxiliando no fortalecimento do "Eu" e na resiliência frente aos desafios da vida. A mensagem de Jesus e seus ensinamentos incentivam a reflexão interior e a transformação pessoal. Assim, uma educação cristã eficaz deve dialogar com as necessidades humanas, promovendo uma vivência que valorize a inclusão, a dignidade e o compromisso com o Reino de Deus. Dessa forma, conclui-se que a verdadeira educação cristã não apenas ensina sobre Cristo, mas conduz cada pessoa a uma experiência pessoal e transformadora com Ele, promovendo uma vida mais íntegra, autêntica, consciente e conectada com Deus e com o próximo.

**Palavras-chave:** Educação cristã. Jung. Individualização. Educação. Jesus.

**Abstract:** This article investigates Carl Jung's contributions to Christian education in the process of individuation, considering it as the integral development of the human being. Christian education must go beyond the simple transmission of doctrine; it must promote emotional, spiritual, and cognitive aspects. The research seeks to understand how Christian education can contribute to this process, helping to strengthen the "I" and resilience in the face of life's challenges. Jesus' message and teachings encourage inner reflection and personal transformation. Thus, an effective Christian education must dialogue with human needs, promoting an experience that values inclusion, dignity, and commitment to the Kingdom of God. Therefore, it is concluded that true Christian education not only teaches about Christ, but also leads each person to a personal and transformative experience with Him, promoting a life that is more integral, authentic, conscious, and connected with God and with others.

**Keywords:** Christian Education. Jung. Individuation. Education. Jesus.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi recebido em 5 de junho de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em 16 de outubro de 2024. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), por meio da bolsa de doutorado.

<sup>2</sup> Graduação em Psicologia, Pós-Graduada em Psicologia Analítica, Especialista em Religiosidade e Espiritualidade na Prática Clínica, Mestrado em Teologia, e Doutoranda em Teologia, bolsista CAPES, e-mail: [oriquesrosane@gmail.com](mailto:oriquesrosane@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduação em Música, Mestre em Teologia e Doutorando em Teologia, bolsista CAPES, e-mail: [odilon.duffeck@gmail.com](mailto:odilon.duffeck@gmail.com)



## Introdução

Ao nos voltarmos para a escrita deste artigo, que, em essência, envolve o tema da educação cristã, consideramos imprescindível contextualizar o mundo vivido em sua realidade tão complexa. Vivemos um período de crises profundas e impactantes: crise econômica, social, psíquica, ecológica e religiosa. Arriscamo-nos a dizer que se trata de uma crise sem precedentes. Essa realidade reflete claramente a condição em que o ser humano se encontra, incluindo aspectos emocionais, o aumento da frustração, a ansiedade, um nível impressionante de intolerância de toda natureza e uma ambição desmedida.

Sendo assim, a educação cristã, entendida aqui como parte do processo formativo do ser humano, tem como objetivo não apenas a transmissão de conhecimento doutrinário, mas também o desenvolvimento integral do ser humano, abrangendo aspectos emocionais, espirituais e cognitivos. Nesse sentido, as contribuições de Carl Jung podem nos oferecer alguns recursos para uma melhor compreensão da educação cristã no contexto do processo de individuação.

Este conceito, individuação, presente no pensamento junguiano, refere-se ao desenvolvimento de uma personalidade autêntica da pessoa como ser humano. Esse percurso de autoconhecimento e amadurecimento ocorre ao longo da vida, mas tem suas bases formadas na infância e na adolescência. Jung deixa clara a importância do fenômeno religioso como um elemento fundamental da psique humana, tendo como um de seus objetivos o cuidado e a cura para os sofrimentos da alma.

No cristianismo, especificamente, essa dimensão se manifesta por meio da simbólica salvífica de Jesus Cristo, cuja mensagem estimula a reflexão, o autoconhecimento e a transformação pessoal. Partindo dessa perspectiva, formulamos a pergunta norteadora de nosso artigo: em que medida a educação cristã pode contribuir para o desenvolvimento do "Eu" e para a formação de pessoas que sejam autônomas, pensantes, autênticas e críticas à realidade que as cerca?

A partir dessa questão, este estudo busca explorar as contribuições de Carl Jung para a educação cristã no processo de individuação, analisando suas implicações teóricas e práticas para a construção de uma pedagogia que valorize o desenvolvimento integral do ser humano.



## Contribuições de Jung à educação para o “Eu”

A educação integral, incluindo a espiritualidade, é o meio de se desenvolverem recursos afetivos e analíticos para uma ampliação de consciência. Nesse contexto, a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung traz em si muitas contribuições. Em um profundo mergulho na alma humana, com espírito científico e sensível, além de sua cosmovisão, Jung concebeu a obra *O desenvolvimento humano*, que nos causa admiração por sua justeza pedagógica.

É certo que a problemática religiosa tem um lugar central na Psicologia Analítica. Em praticamente todas as obras de Jung, deparamo-nos com suas reflexões sobre a importância do fenômeno religioso. No entanto, gostaríamos de deixar claro que aquilo que ele entendia por religião não se vincula a nenhuma confissão religiosa. Trata-se, como o autor deixa claro, de “uma observação acurada e conscienciosa daquilo que Rudolf Otto chamou de *numinosum*”; assim, esta definição se ajusta a todas as formas de religião, inclusive às primitivas, e corresponde à postura respeitosa, tolerante e compreensiva de Jung para com todas as religiões, incluindo as não cristãs. Ademais, um dos maiores méritos de Jung é o de ter reconhecido, como um conteúdo arquetípico da alma humana, as representações elementares coletivas que se fazem presentes na base de inúmeras formas de religião.

Não só o cristianismo com sua simbólica salvífica, mas de um modo geral todas as religiões, e mesmo as formas mágicas das religiões dos primitivos, são psicoterapias, são formas de cuidar e de curar os sofrimentos da alma e os padecimentos corporais de origem psíquica (JUNG *apud* ZACHARLAS, 1998, p. 64).

Na obra *Jung e os desafios contemporâneos*, no capítulo escrito por Rosa Brizola Felizardo, destaca-se que é na criança, quando em sua fase escolar, que ocorre o maior desenvolvimento da consciência, e que são os educadores e as educadoras que devem agir como pessoas facilitadoras neste processo formativo (FELIZARDO, 2019, p. 82). No entanto, **faz-se necessário** que cada pessoa educadora busque sempre se atualizar, isto é, uma busca constante pelo seu próprio desenvolvimento, pois, caso contrário, a educadora ou o educador projetará apenas as próprias falhas nas crianças, mesmo que de forma inconsciente (JUNG, 2013a, p. 67).

[...] o êxito do ensino não depende do método. De acordo com a verdadeira finalidade da escola, o mais importante não é abarrotar de conhecimentos a cabeça das crianças, mas sim contribuir para que elas possam tornar-se adultos de verdade. O que importa não é o grau de saber com que a criança termina a escola, mas se a escola conseguiu ou não libertar o jovem ser humano da sua identidade com a família e torná-lo consciente de si próprio. Sem esta consciência de si mesmo, a pessoa jamais saberá o que deseja de verdade, mas continuará



sempre na dependência da família e apenas procurará imitar os outros, experimentando o sentimento de estar sendo desconhecida e oprimida pelos outros (JUNG, 2013a, p. 65-66).

Se buscarmos refletir sobre a pedagogia junguiana, compreendemos que os processos de aprendizagem são contínuos e dinâmicos. Essa proposta parte de um olhar integrador e unitivo que concebe o ser humano como uma totalidade indivisível e, desse modo, busca ampliar os objetivos do processo educacional para o indivíduo e para o mundo. Na área da educação, necessitamos, portanto, facilitar e valorizar a construção de uma consciência pessoal, assim como dar campo às múltiplas manifestações da alma, não nos esquecendo de que há um inconsciente pessoal e outro coletivo.

Entre os diversos conceitos desenvolvidos por Jung, um que merece atenção no contexto educacional e formativo é o da sombra. Esse conceito oferece uma lente importante para compreendermos certos conflitos internos e interpessoais que atravessam o desenvolvimento do “Eu”, pois a sombra influencia significativamente a forma como lidamos conosco e com os outros.

A sombra, no pensamento de Carl Gustav Jung, é a parte da personalidade que abriga aspectos que foram reprimidos, negados ou excluídos da consciência para favorecer a construção de um ego ideal — ou seja, a imagem que cultivamos de nós mesmos como corretos, bons ou aceitáveis. Esses conteúdos sombrios não desaparecem, mas passam a atuar de forma inconsciente, influenciando nossos comportamentos e percepções. Embora Freud também tenha reconhecido esse lado oculto da psique e o analisado de forma científica, Jung ampliou a compreensão ao perceber que essa dimensão sombria da personalidade precisa ser reconhecida e integrada. Para ele, ignorar a sombra leva à projeção: tendemos a ver nos outros aquilo que não aceitamos em nós mesmos. Assim, nossa visão das pessoas e das situações fica distorcida, pois confundimos nossos conflitos internos com características reais dos outros (ORIQUEES, 2024, p. 132-133).

Trabalhar com a sombra, portanto, é um processo de autoconhecimento profundo. Envolve reconhecer nossas fragilidades, medos, impulsos e contradições com honestidade. Esse enfrentamento não é fácil, pois o ego geralmente resiste a perder seu domínio. No entanto, é justamente esse trabalho que nos conduz a uma verdadeira transformação interior — desenvolvendo humildade, autenticidade e ampliando nossa consciência (ORIQUEES, 2024, p. 134).

Jung destaca que a “educação pelo exemplo” ocorre espontaneamente e de maneira inconsciente. A esse respeito, Lévy-Bruhl cunhou a expressão *participation mystique* — participação



mística — (JUNG, 2013a, p. 161), já que a educação inconsciente pelo exemplo fundamenta-se em uma das propriedades primitivas da psique; portanto, será sempre eficiente, mesmo que todos os outros métodos falhem. É sobre esse fato fundamental da identidade psíquica que se alicerça, afinal, todo o processo da educação.

[...] o agente eficaz, em última análise, será certamente esse contágio, que ocorre como que automaticamente. Este fator é tão importante que o melhor método educacional consciente pode, em certos casos, tornar-se completamente sem efeito, por causa do mau exemplo dado (JUNG, 2013a, p. 161).

Jung define a personalidade como a realização do processo de individuação, isto é, a sua autenticidade como ser humano distinto de outras pessoas. Este ideal, porém, só será concretizado na fase adulta e depende fortemente do fortalecimento do "Eu" no período da infância e adolescência. No entanto, é perceptível que a compreensão moderna sobre personalidade muitas vezes se desvia de seu verdadeiro significado, sendo associada à rebeldia ou à busca de notoriedade. A verdadeira personalidade, segundo Jung, é fruto da maturidade, da coragem e da adaptação ao coletivo e a tudo o que nele habita, sendo um ideal difícil de alcançar, uma utopia necessária que serve como guia para o desenvolvimento humano. Todavia, Jung (2013a, p. 182) afirma que:

[...] a personalidade já existe em germe na criança, mas só se desenvolverá aos poucos por meio da vida e no decurso da vida. Sem determinação, inteireza e maturidade não há personalidade. Essas três qualidades características não podem ser algo próprio da criança, pois por meio delas a criança perderia sua infantilidade. A criança se tornaria uma imitação de adulto, desnatural e precoce. Mas a educação moderna já produziu tais monstros.

Esse entendimento nos leva a reconhecer que a visão de Jung oferece direcionamentos importantes para que o processo educacional considere a formação do “Eu” (ego) em cada pessoa, tornando-a um ser autônomo, consciente, pensante e crítico em relação à realidade ao seu redor. Tal compreensão é essencial para repensar as práticas educacionais, de modo que não se limitem à transmissão de conhecimento, mas possibilitem a construção plena de indivíduos conscientes e autênticos.

## **Individuação frente à massificação**

A expressão “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos” tem validade também nesse sentido, pois o desenvolvimento da personalidade, de seu início até a consciência completa, é um fascínio e, ao mesmo tempo, uma maldição. Como uma consequência inicial desse processo, a



pessoa, de forma consciente e inexorável, separa-se da imensa massa, que é indeterminada e inconsciente. Isto é, o desenvolvimento da personalidade carrega em si mais do que o simples pavor de algo monstruoso e anormal, como o isolamento, pois indica também a fidelidade à sua própria lei (JUNG, 2013a, p. 185).

Em sua obra *Presente e futuro*, Jung (2013d, p. 38-40) discorre sobre o quanto é curioso que também as igrejas, com a promessa e o intuito de atender à alma individual, sirvam, na ocasião favorável, à ação massificada. Destaca-se que, sem uma real renovação espiritual da pessoa, uma coletividade, em si, não constrói um caminho de renovação, pois é formada pela soma de indivíduos que carecem de salvação. Teria Cristo chamado os seus apóstolos por ocasião de imensas agregações de massa? Após a alimentação das cinco mil pessoas ouvintes, teria surgido algum novo discípulo ou discípula que, tempo depois, não gritaria “crucifica-o”? Não nos esqueçamos de que o próprio Pedro, a rocha, hesitou, apesar de ter escolhido seguir Cristo.

A fim de esclarecermos o pensamento de Jung a esse respeito, citamos:

[...] toda vez que essa situação social se desenvolve, adquirindo grande extensão, abre-se o caminho para a tirania, e a liberdade do indivíduo se transforma em escravidão física e espiritual. Sendo sempre imoral e perversa, a tirania se sente mais livre na escolha de seus métodos. Os ideais de *liberté, égalité, fraternité*, transformados em meros chavões, não podem sequer ajudá-lo, pois ele só pode dirigir esse apelo aos seus próprios carrascos, aos representantes da massa. [...] Somente aquele que se encontra tão organizado em sua individualidade quanto a massa pode opor-lhe resistência (JUNG, 2013b, p. 37-39).

Jung deixa claro que, nesse sentido, não está dizendo que o cristianismo tenha se esgotado – em absoluto. Está convencido de que não é o cristianismo que está antiquado em relação à condição atual do mundo contemporâneo, mas a apreensão e a interpretação que dele foram feitas até agora. O símbolo cristão é uma essência viva, que carrega em si a essência de outros prolongamentos. Esse símbolo pode, ainda, desenvolver-se, de acordo com Jung (2013b, p. 42), mas tudo depende de decidirmos ou não meditar ainda e mais profundamente sobre seus pressupostos.

Cabe aqui destacar que, mesmo após décadas de pesquisas científicas, desenvolvidas por grandes nomes da história, tanto da ciência quanto da religião, persistem com força os mitos arcaicos sobre a relação entre as duas áreas – ciência e religião. É fato que, ainda nos dias atuais, inclusive na academia, percebemos essa visão. É possível constatar que as duas obras com maior índice de leitura no que se refere à relação entre ciência e cristianismo têm como títulos as expressões “conflito” e “guerra”: *A História do Conflito entre Religião e a Ciência*, de John William



Draper, e *História da Guerra da Ciência com a Teologia na Cristandade* – sendo este um tratado grandioso, em dois volumes, do historiador Andrew Dickson White, o primeiro reitor da Universidade de Cornell, em Nova York.

Ressaltamos que, nessa obra, White aborda o grande conflito entre o cristianismo e a ciência como uma sucessão de embates entre teólogos dogmáticos – de compreensão extremamente limitada – e as pessoas de ciência em busca da verdade (NUMBERS, 2009, p. 251). Portanto, a partir desse ponto de vista, não haveria sentido ou propósito algum na evolução, o que faz parecer que Deus somente existe como uma ideia, uma abstração na mente do ser humano (SHELDRAKE, 2014, p. 15-16). Conforme Sheldrake (2014, p. 16):

[...] No uso cotidiano, materialismo refere-se a um modo de vida dedicado inteiramente aos interesses materiais, uma preocupação com riqueza, bens e luxo. Essa atitude certamente é incentivada pela filosofia materialista, que nega a existência de qualquer realidade espiritual ou de metas imateriais.

Nesta mesma direção, conforme Jung:

[...] é sem muitas dificuldades que o homem de hoje consegue conceber e pensar as ‘verdades’ ditadas pelo Estado massificado. O acesso, no entanto, à compreensão religiosa lhe parece extremamente difícil devido às explicações deficientes que recebe (‘Porventura entendes o que lê?’ Ele lhe respondeu: ‘Como é que vou entender se ninguém me explicar?’) (At 8,30). Se, apesar disso, o homem não consegue extirpar de todo as suas convicções religiosas, é porque a atividade religiosa repousa numa tendência instintiva e pertence às funções específicas do ser humano. É possível retirar-lhe os deuses, mas somente para lhe oferecer outros. Os líderes do Estado massificado não podiam deixar de ser idolatrados. Onde essa idolatria ainda não se impôs com violência, surgem outros fatores obsessivos de energia como o dinheiro, o trabalho, a influência política etc. (JUNG, 2013b, p. 43).

Além disso, Jung afirma que, a partir de sua experiência com milhares de pacientes, convenceu-se de que “o problema psicológico de hoje é um problema espiritual, um problema religioso” (MCGUIRE; HULL, 1977, p. 76). Salienta que o ser humano está ansioso por uma relação segura com as forças psíquicas dentro de si mesmo. Sua consciência, recuando perante as dificuldades do mundo moderno, necessita de uma relação com condições espirituais seguras. Com isso, “[...] a ciência disse-lhe que não existe Deus, que tudo que existe é matéria. Isso privou os seres humanos de sua floração plena, da sensação de bem-estar e segurança em um mundo que lhes inspire confiança” (MCGUIRE; HULL, 1977, p. 77).

McGuire e Hull (1977, p. 82) dizem:

[...] o reino dos céus está dentro de vós. Esta é uma grande verdade psicológica. O cristianismo é um belo sistema de psicoterapia. Cura o sofrimento da alma. O que a natureza pede da macieira é que ela produza maçãs,



da pereira que produza peras. A natureza quer que eu seja apenas um ser humano. Mas um ser humano consciente do que sou e do que estou fazendo. Deus dirige-se à consciência do ser humano. É essa a verdade do nascimento e ressurreição de Cristo dentro de nós. Quanto maior é o número de pensadores que se aperceberem disso, mais perto estamos do renascimento espiritual do mundo. Cristo, o Logos – quer dizer, a mente, a compreensão, o brilho que rasga a escuridão. Cristo foi uma nova verdade acerca do ser humano.”

Ainda para Jung, o instinto religioso exerce uma função social, pois, alimentando nossa relação com a autoridade transpessoal, evitamos ser simplesmente levados pelos movimentos de massa. Esse vínculo nos proporciona um ponto de referência distante da família, das convenções de classe, dos hábitos culturais e, inclusive, do braço longo que os governantes totalitários estendem sobre nossas vidas. Quando nós nos sentimos vistos, também nos sentimos conhecidos por Deus, independentemente da maneira como o expressemos, encontramos forças para resistir às pressões do coletivo em nome da verdade, da alma e da fé. É essa capacidade humana que desenvolve a fortaleza interior contra todos os movimentos capazes de dominar e destruir a sociedade (JUNG, 2013b, p. 423).

Jung preocupava-se em resgatar, para o indivíduo moderno, a riqueza espiritual que a religião tradicional já não podia propalar. Para inúmeras pessoas, Deus abandonou sua primitiva morada nas igrejas, e não é provável que retorne. Para Jung, conforme citado em *O arquétipo cristão*, de Edward Edinger (1988, p. 88), “[...] vivemos naquilo que os gregos denominavam *Kairós* – o momento certo – para uma metamorfose dos deuses, um dos princípios e símbolos fundamentais”. Assim, para o próprio Edinger (1988, p. 423), o *numinosum* procura uma nova encarnação. Podemos alimentar a esperança de encontrar auxílio na compreensão desse evento a partir da observação e do exame desse indescritível mito da encarnação: a vida de Cristo.

Nos tempos antigos, ou, podemos mesmo dizer, até bem pouco tempo, falava-se de uma “autoridade constituída por Deus”. Atualmente, isso nos parece bastante antiquado. As igrejas representam, para muitas pessoas, convicções tradicionais e coletivas que, segundo boa parte de seus adeptos, alicerçam-se não mais na experiência íntima, mas na fé irrefletida, que muito rapidamente desaparece – assim que se pense mais profundamente sobre seu sentido. Dito de outra forma, o conteúdo da fé entra em conflito com o saber, e isso sinaliza que a irracionalidade de uma nem sempre supera a razão de outra. Na verdade, a fé não é uma substituição suficiente da experiência íntima e, quando esta não existe, até mesmo uma fé forte pode, enquanto *donum gratiae* (dom da graça), tanto aparecer quanto desaparecer repentinamente. Define-se a fé como autêntica experiência religiosa, mas não se considera que ela seja, na verdade, o resultado de um fenômeno



primeiro, em que algo nos toca tão profundamente, inspirando a *pístis* – ou seja, a lealdade e a confiança. Essa vivência carrega um conteúdo específico que se compreende no sentido da doutrina confessional. Quanto mais interpretarmos dessa forma, maiores serão as probabilidades de conflito com o saber (JUNG, 2013b, p. 28).

Viver psicologicamente como pessoas cristãs equivale à luta por uma consciência mais ampla, ou seja, uma consciência profunda a ponto de nos conduzir ao processo de individuação, de desenvolvimento real. Jung, em sua obra *Aion*, apresenta duas reflexões importantíssimas: “Cristo é o homem interior a que se chega pelo caminho do autoconhecimento” e “[...] através da minha experiência, eu conheço um poder maior do que meu próprio ego. Deus – é o nome que dou a esse poder autônomo” (JUNG, 1988, p. 194).

Portanto, mais uma vez, Jung salienta que é a partir da experiência pessoal, da valorização da realidade psíquica e não da coletiva que se dá a conscientização, o sentido dos ensinamentos de Jesus. A descristianização que se percebe atualmente, por meio do esvaziamento das igrejas e dos seminários e da falta de valorização da educação religiosa cristã, deve-se, acreditamos, à ausência de conhecimento sobre a estrutura psicológica, sobre a psique humana.

Thomas Moore, ex-monge, psicoterapeuta junguiano, mestre em Teologia pela Universidade de Windsor e doutor em Religião pela Universidade de Syracuse, diz:

“[...] nada nos evangelhos sugere que Jesus se interessasse pela criação de uma religião. Ele oferecia a todos uma chance de vida feliz e realizada pela adoção de um diferente conjunto de valores. O fundamental, claro, é a mudança de julgamento, competição e agressão para o domínio do coração aberto. Os evangelhos representam uma saída do narcisismo e da paranoia para uma vida mais madura e autocontrolada de profunda comunhão. [...] Por fim, permanecer despertos e não cair na inconsciência da época.” (MOORE, 2009, p. 164).

Portanto, Jesus sempre nos deixou claro que o reino de Deus está dentro de cada um e cada uma de nós; Ele é a figura do ser humano integral. Jung, com muita clareza, assertivamente declarou que “Cristo é o homem interior ao qual se chega pelo caminho do autoconhecimento” (JUNG, 1988, p. 348). Nesta perspectiva, Jung afirma que imitar Cristo não significa simplesmente copiar seus gestos ou comportamentos, mas viver com a mesma verdade e autenticidade com que Ele viveu. Segui-lo não é repetir seu caminho, mas viver plenamente o nosso, com coragem e fidelidade, carregando a própria cruz como Ele carregou a dEle (JUNG, 1988, p. 96).



## A Educação Cristã como caminho para a individuação

A igreja cristã tem seu fundamento no judaísmo, uma vez que seu movimento também estava alicerçado nas Escrituras Hebraicas. O principal objetivo de Israel como nação era adorar e obedecer a Deus. O Antigo Testamento reflete essa missão de diversas formas na Torá ou Pentateuco. Ela mostra como Deus formou seu povo e lhe deu a Lei; relata os altos e baixos da fidelidade de Israel à aliança, ensina como aplicar a Lei na vida cotidiana e narra que profetas alertavam o povo sobre suas responsabilidades diante de Deus. Conforme Matos, esse processo também tinha um papel educativo, pois a obediência a Deus exigia aprendizado contínuo, começando dentro das famílias (MATOS, 2008, p. 10). Já no Novo Testamento, os Evangelhos identificam Jesus como “um rabi judeu que exerceu um ministério itinerante de pregação, ensino e socorro aos sofredores (Mt 4.23)” (MATOS, 2008, p. 11).

Sabemos que falar de uma educação cristã sem se vincular a alguma denominação religiosa ou tomar uma como base, considerando-a a mais ou menos correta, não é uma tarefa fácil, pois trata-se de diversas interpretações sobre o ministério de Jesus, o que se desviaria de nosso escopo de pesquisa. Todavia, entendemos aqui a educação cristã como um processo de ensino com base nos feitos de Jesus e em toda a sua trajetória para falar do Reino de Deus, com o intuito de buscar transformar os corações das pessoas, motivando-as a serem comprometidas com o Reino de Deus.

Entendemos a educação cristã como algo ativo, constante e dinâmico, que acontece durante toda a vida. A vida de Jesus nos apresenta isso. Ele sempre estava disposto a ir ao encontro das pessoas, motivando-as a participarem, a se engajarem, a refletirem, a questionarem sobre suas ações consigo mesmas e com toda a criação de Deus. Um dos recursos metodológicos que utilizava era a própria parábola.<sup>4</sup> Ele punha as pessoas ouvintes como participantes ativas, fazendo com que sua vivência de fé, sua espiritualidade, sua vivência individual (mesmo que influenciada em parte pelo coletivo) fossem confrontadas consigo mesmas, pois elas seriam o alicerce de suas respostas, reflexões, julgamentos e tomadas de decisões. Alguns exemplos disso ocorrem nas parábolas

---

<sup>4</sup> “As parábolas servem para explicar algo desconhecido através de figuras conhecidas, são narrativas fictícias que trazem consigo coisas a respeito de Deus, a natureza e a história do Reino de Deus. As parábolas trazem temas do cotidiano, dos costumes familiares, despertam interesse, mostram novas compressões dos fatos que fazem com que reflitamos sobre nossas ações” (DUFFECK; SINNER, 2019, p. 50-72).



relatadas em Mateus 21.28-32, Lucas 10.25-37, Mateus 18.23-35, quando Jesus questiona o proceder das pessoas a partir do que ouviram.

Isso nos leva a crer que Jesus queria provocar uma reflexão mais profunda e transformadora, permitindo que cada pessoa confrontasse suas influências e padrões coletivos, o que, de certa forma, permitia que a própria pessoa se tornasse uma versão mais autêntica de si mesma, se assim o desejasse. Temos que levar em conta que muitas pessoas na época de Jesus não eram doutas da Lei; muitas estavam presas aos padrões religiosos, culturais e sociais, o que poderia dificultar a verdadeira compreensão do Reino de Deus que Jesus estava anunciando. Essas parábolas, isto é, essa metodologia de educação, faziam com que as pessoas conseguissem se enxergar dentro do relato, deparando-se e se confrontando com sua própria condição espiritual, proporcionando que cada pessoa, como ser individual, tomasse uma decisão diante da mensagem do Reino de Deus, a partir de sua visão de mundo, abrindo passagem para inúmeras perguntas que poderiam estar subentendidas: “E agora, o que você vai fazer?” ou “E agora, como você vai viver a partir disso?”

As religiões, numa visão mais holística, têm como objetivo ajudar as pessoas em seus momentos de dificuldade, sofrimento ou conflito. Elas o fazem de acordo com suas interpretações e pressupostos teológicos. No entanto, torna-se indispensável manterem-se atualizadas para ajudar as pessoas, preservando, porém, sua essência. É importante destacar que essa atuação precisa contribuir para a formação de indivíduos que estejam em paz consigo mesmos, fortalecidos e fortalecidas para enfrentarem a vida, e conscientes do seu próprio crescimento como seres humanos. Isso, por sua vez, ajudaria a sociedade a evoluir como um todo (ORIQUEZ; ADAM, 2024, p. 74). Acreditamos que as contribuições de Jung, trazidas até aqui, podem nos auxiliar nessa tarefa iniciada em Jesus.

Ademais, se o alicerce da educação cristã — dita para quem acredita e crê em Cristo — é Cristo, precisamos ter em mente que seu ministério é de inclusão e de vida digna para todas as pessoas (João 10.10). Como pessoas que acreditam em Cristo, somos parte da igreja de Jesus Cristo. Sendo assim, temos o dever de aproximar as pessoas de Cristo, pois também fazemos parte desse corpo docente que fala e ensina as pessoas, levando-as à conscientização, em seu íntimo, do que significa ser seguidor e seguidora de Cristo, fortalecendo laços e vínculos com Ele. Essa é a educação cristã que se espera que todas as denominações religiosas tenham em sua base, em seu



fundamento teológico. Educação cristã, portanto, não é uma criação ou invenção da igreja: é uma ordem direta de Cristo, quando diz:

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século. *Matheus 28.19-20.*

É notável que os ensinamentos de Cristo são o exemplo máximo e universal, mas é fundamental buscarmos entender que cada indivíduo assimila seus ensinamentos de acordo com suas possibilidades individuais. Na própria época de Jesus, é perceptível que nem todas as pessoas conseguiram ou aceitaram seus ensinamentos, mesmo trazendo essas reflexões de forma simples, direta e profunda, respeitando sempre o livre-arbítrio de cada pessoa, como nos diz Thomas Moore (2009, p. 9-10), que Jesus “não queria transformar um ladrão em tedioso homem honesto.” Na obra *Os santos que abalaram o mundo*, encontramos uma reflexão que ilustra como os santos reconhecidos pela Igreja Católica se entregaram à mensagem de Cristo e que nos emociona profundamente:

[...] Os santos acreditavam em Cristo, cujo reino, que “não era deste mundo”, tornava-se uma realidade neste mundo.

Cristo, a quem os santos lutavam por imitar, empreendeu Sua divina missão na terra como um homem entre homens; sofreu e morreu sob as leis deste mundo e, contudo, Nele, as exigências éticas, o amor e a beleza do princípio divino lograram plena realização na terra. Foi isto que encorajou os santos, que começaram suas vidas como homens e mulheres comuns, a seguir a Cristo; que os convenceu de que seriam capazes de alcançá-Lo se tivessem o cuidado, em todas as suas andanças, de nunca perder de vista Suas pegadas. O que os levou ao estado de santidade foi o fato de haverem eles logrado êxito em desembaraçar-se de seus baixos começos e de suas ligações mundanas, em dominar sua fraqueza inata e atingir as derradeiras alturas da existência humana.

É esta tentativa da parte dos santos que constitui a grande mensagem que as vidas que eles viveram e os exemplos que deram continuarão a apresentar a todos os tempos. Suas lutas e seus problemas, seus pensamentos e atos, refutam o pessimismo cultural, corolário natural de todas as formas de descrença materialista. Sua mensagem de otimismo é a simples verdade de que o ser humano não é um brinquedo nas mãos de forças cegas, que não está condenado para todo o sempre a sustentar “uma guerra fratricida de todos contra todos”, que não é o produto de condições materiais de produção nem a vítima de irremediáveis males econômicos; que é uma criatura de Deus, um ser livre, o senhor e não o escravo de sua raça, de seu tempo e do seu meio — que está destinado a viver sobre a terra até que o germe da perfeição divina que nele permanece possa crescer e tornar-se forte. (*FÜLÖP-MILLER, 1998, p. 22-23*)

Nesse sentido, é importante pensarmos em uma didática que contemple o maior número de pessoas, buscando transmitir com simplicidade, fé e respeito os ensinamentos de Cristo. Assim, consideramos essencial, na educação cristã, trabalharmos o sentido mais profundo da vida, até porque nenhuma ciência consegue colocar-se no lugar da religião nesse amplo sentido — nem os



sistemas biológicos, físicos ou cósmicos. O sentido é a experiência da totalidade. Se assim não fosse, a vida tornar-se-ia absolutamente trivial, o que não é a manifestação do ser humano completo.

## Considerações finais

A partir das reflexões de Carl Jung, conclui-se que a educação cristã deve ir além da simples transmissão de conhecimento dos feitos de Cristo, mas deve servir de auxílio para **formar** indivíduos autônomos e conscientes, pensantes e críticos à realidade ao seu redor. A valorização do processo de individuação, do fortalecimento do "Eu" e da espiritualidade são elementos essenciais para a construção de uma educação integral, que considera o ser humano em sua totalidade.

Esse processo de individuação é um caminho necessário para que cada pessoa alcance sua verdadeira identidade, e esse desenvolvimento começa na infância. Sendo assim, cabe às pessoas educadoras o papel de contribuir para esse crescimento e desenvolvimento. Isso nos leva a reconhecer que uma educação cristã eficiente precisa estar sempre em diálogo com as necessidades humanas, na construção de maturidade como indivíduo, uma autonomia crítica diante da realidade e uma resiliência para enfrentar os desafios cotidianos.

Ademais, cremos que a mensagem de Jesus também está profundamente ligada à ideia de autoconhecimento, fé e transformação. Suas parábolas e ensinamentos incentivavam as pessoas a olharem para dentro de si, a questionarem os padrões preestabelecidos para se tornarem versões mais plenas de si mesmas e mais críticas para com a realidade de suas vidas. Dessa forma, a educação cristã deveria seguir esse exemplo, ajudando as pessoas a encontrarem sentido para suas vidas — não apenas em um contexto individual, mas também coletivo —, fortalecendo laços e promovendo uma vivência cristã baseada na inclusão, na dignidade e no compromisso com o Reino de Deus.

Por fim, é sabido que a maneira de ensinar e transmitir os feitos de Cristo por meio da educação cristã está alicerçada em interpretações e pressupostos teológicos; contudo, é preciso atentar-se às necessidades de cada geração. Um diálogo entre a teologia, a psicologia humana e reflexões vinculadas à ciência contemporânea pode ser benéfico. Dessa maneira, podemos entender que a verdadeira educação cristã não apenas ensina sobre Cristo, mas conduz cada pessoa a uma



experiência pessoal e transformadora com Ele, promovendo uma vida mais íntegra, autêntica, consciente e conectada com Deus e com o próximo. Não nos esqueçamos de que o Reino de Deus está em cada um e cada uma de nós.

“E agora, qual será o teu proceder?”

## Referências

DUFFECK, Odilon; SINNER, Rudolf Eduard von. Wachent auf, ruft uns die Stimme: uma análise estética da cantata de Johann Sebastian Bach. In: SALDANHA, Marcelo; REBLIN, Iuri. *Processos Contemporâneos: diálogos com a religião*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2019. p. 50-72. Disponível em: <[https://est.edu.br/wp-content/uploads/2024/01/processos\\_contemporaneos-Dialogos\\_com\\_a\\_religiao.pdf](https://est.edu.br/wp-content/uploads/2024/01/processos_contemporaneos-Dialogos_com_a_religiao.pdf)>. Acesso em: 7 fev. 2025.

EDINGER, Edward F. *O arquétipo cristão: um comentário junguiano sobre a vida de Cristo*. São Paulo: Cultrix, 1988.

FELIZARDO, Rosa Brizola. A educação. In: WERRES, Joyce (org.). *Jung e os desafios contemporâneos*. Petrópolis: Vozes, 2019.

FÜLÖP-MILLER, René. *Os santos que abalaram o mundo*. Editora: José Olympio, 1998.

ORIQUES, Rosane Göerg; ADAM, Júlio. C. Psicologia analítica e aconselhamento pastoral: busca de maior compreensão sobre espiritualidade. *Tear Online*, v. 13, n. 1, p. 61–77, 2024. Disponível em: <<https://revistas.est.edu.br/tear/article/view/3023>>. Acesso em: 7 fev. 2025.

ORIQUES, Rosane Göerg. *Jung e Freud. Vida, obra e reflexões*. São Leopoldo: Oikos, 2024.

ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. *Ori Axé, a dimensão arquetípica dos orixás*. São Paulo: Vetor, 1998.

JUNG, Carl G. *Aion: Estudos sobre o simbolismo do Si-Mesmo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

JUNG, Carl G. *O desenvolvimento da personalidade*. 14. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013a.

JUNG, Carl G. *Presente e Futuro*. 8. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013b.

MATOS, Alderi Souza de. Breve História da Educação Cristã: dos primórdios ao século 20. *Fides Reformata XIII*, n. 2, p. 9-24, 2008. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/>. Acesso em: 06 fev. 2025.

MCGUIRE, William; HULL, R. F. C. C. G. *Jung: entrevistas e encontros*. São Paulo: Cultrix, 1977.

MOORE, Thomas. *Escrito na areia*. São Paulo: Prumo, 2009.



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

15

NUMBERS, Ronald L. Mitos e verdades em ciência e religião: uma perspectiva histórica. *Archives of Clinical Psychiatry*, São Paulo, v. 36, n. 6, p. 250-256, 2009.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, EST/ Petrópolis: Vozes, 2014.

SHELDRAKE, Rupert. *Ciência sem dogmas: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista*. São Paulo: Cultrix, 2014.